OVIDIO DA CUNHA
PROF. TITULAR DA UFF

AS ORIGENS DAS ETNIAS IBÉRICA E HISPANO-AMERICANAS

NITERÓI 1985

AS ORIGENS DAS ETNIAS IBÉRICA E HISPANO-AMERICANAS

Conferência realizada a 5 de outubro de 1984, abrindo a Semana da Hispanidade, com a presença do Cônsul Geral da Espanha e do Magnífico Reitor da Universidade Federal Fluminense, Professor José Raymundo Martins Romêo, no Salão Nobre do Museu Nacional de Belas Artes, sob os auspícios do Instituto de Cultura Hispânica, na presidência do Professor Otacílio Braga, assim como da Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro.

Rua Prudente de Morais, 814/404
247-6602

Digitalizado pela
Frente Integralista Brasileira
http://www.integralismo.org.br/
Deus - Pátria - Família

AS ORIGENS DAS ETNIAS IBÉRICAS E HISPANO-AMERICANAS

O tema é de caráter rigorosamente técnico, não sendo nem literário, nem histórico. É um tema de Etnologia que é uma disciplina ligada à Antropologia, à Antropologia Cultural de um lado e à Antropologia Física de outro.

Inicialmente, devemos estabelecer o conceito de etnia. Etnia é um termo de origem técnico-específico, até especioso, que foi adotado em um Congresso de Antropologia em 1935, proposto por George Montandon, autor de duas obras que fizeram muito sucesso à época: "Les Races" e "Ologenese Humaine". Esta última encontra-se superada porque o italiano Daniel Rosa, autor da teoria, não possuía as armas da genética, mas a etnia está de pé.

Que é etnia? Etnia é a acoplação da raça, como fator físico, e a cultura que se insere nesse próprio fator. Então a raça e a etnia seriam comparadas: a película do filme, a gelatina deste, seria a cultura e a raça física, o aspecto raciológico somato-psíquico seria o celulóide. Os dois se acoplam.

Pode haver uma etnia sem raça como, por exemplo, os ciganos, que não possuem uma raça específica. Isso acontece também com os judeus, mas, em geral, etnia e raça estão bem associadas.

Feita esta definição, vamos mergulhar na Península Ibérica, em torno de 17.000 aC a 20.000 aC, quando o contorno geográfico era bem diferente do atual, com um relevo já terciário e quaternário, mas com um aspecto de litoral bem modificado.

Dentro desse sentido, vamos encontrar, na Região Cantábrica da Península Ibérica, um acidente geográfico da maior importância chamado por nós "Capela Sistina da Pré-História", ou seja, As Grutas de Altamira.

Eu as visitei demoradamente. Elas pertencem ao chamado Complexo das Grutas de Lascaux, que estão compreendidas nas Grutas da Região Cantábrica da Espanha e nas Grutas da Região de Gironda e Auvérnia, na França.

A Gruta de Altamira tem um caráter curioso. Em minha visita, verifiquei que existe um teto plano formado por uma laje de pedra que, por sua posição em relação ao piso, origina uma paráclase, isto é, um plano mais baixo, surgindo um degrau de quase um metro e meio de altura.

Essa laje é uma formação dos chamados Alpes Dolomíticos que encontramos no Maciço Alpino da Europa. A Europa é um dos continentes mais jovens do mundo, um continente geologicamente instável. E toda sua orografia, com exceção da Escandinávia, é calcárea, porque no Terciário houve uma pressão vertical de baixo para cima, levantando as vasas oceânicas para a superfície, embora por baixo da carapaça calcárea das Montanhas dos Carpatos, dos Alpes, dos enrugamentos da França e da Inglaterra, existam formações graníticas e gnaíssicas.

No caso dos Alpes omolíticos, a formação gnaíssica aflora quase ao lado da formação calcárea.

Então, na Gruta de Altamira existe um tipo de formação dolomítica como essa.

Que tipo de indivíduo vivia nessa Gruta? O Carbono 14 já está superado, pois surgiram outros métodos de datação do homem pré-histórico, mais modernos. Vale dizer que ele existiu por volta de 17.000 aC. A cronologia tem pouca importância para nós porque tanto a Antropologia como a Sociologia consideram o tempo, quer circular, como do homem primitivo, quer o tempo retilíneo, do homem civilizado pelo cronômetro ou pela marcação das folhinhas cronológicas, criadas pelas religiões, como uma contribuição da invenção humana; como categoria social, ele não existe. Até na Física Moderna o problema do tempo é de alta indagação filosófica. Para o sociólogo, o tempo, em termos absolutos, não existe.

Entretanto, é preciso que os Senhores tenham uma referência, e diremos que a Gruta de Altamira era habitada há 17.000 aC. Entrando na Gruta pela porta principal, vê-se um mostruário de objetos nela encontrados. A predominânci desses é de artefatos de osso. Examinando-os, concluí que os seus habitantes pertenciam à chamada "Cultura de Madalena", que é do Paleolítico superior, na transição para uma cultura proto-histórica ou calcolítica.

Essa cultura do osso está hoje representada pelos esquimós. São as populações do gelo, do Círculo Polar, e existem há 50.000 anos, sofrendo agora um processo de desintegração em contato com o homem civilizado.

O homem que habitou a Gruta de Altamira era um Cro-magnon, quero dizer, aquele tipo raciológico que foi encontrado na Gruta de Cro-magnon na Auvérnia francesa e que foi coexistente com o homem de Neandertal, encontrado no sul da Alemanha.

O Cro-magnon é quase o homem atual, é o "homo sapiens". Ele tem três características: o seu volume craniométrico é maior do que o do homem atual, não tem osso mentoniano, isto é, não tem queixo, a mandíbula inferior é fugidia e o terceiro aspecto é que possui um queixo quadrado (*). Quanto ao queixo fugidio, à ausência do mento, o Prof. Sales Cunha, da UFF, estudioso de anatomia comparada, professor na Faculdade de Odontologia, estudou os caracteres recessivos da ausência de mento em populações rurícolas fluminenses. Ele tem trabalhos publicados em um Museu da mesma Faculdade. Quanto ao queixo quadrado, vamos encontrá-lo profusamente na planície do Tejo, na Região Alentejana de Portugal.

Quanto às características gerais do Cor-magnon, sem apresentar, naturalmente, a ausência do queixo, porque o homem alpino o possui, é o suíço das montanhas, um representante atual do Cro-magnon, que está profusamente representado na Europa, principalmente na Península Ibérica. O Cro-magnon foi realmente o elemento raciológico da Península. Eram populações que viviam de uma economia de coleta. Não se dedicavam à agricultura, eram caçadores, colhedores ocasionais. Não há notícia do homem de Neandertal na Península. Este foi encontrado no sul da Alemanha, na Dordonha, no Oriente Médio e na África do Sul, o chamado homem da Rodésia, que era ereto, enquanto o Neandertal da Europa era um tipo siamês, numa posição curvada para o solo.

O Cro-magnon já era um animal de savana, um animal marchador.

(*) A expressão queixo quadrado é no sentido da robustez do maxilar inferior cujos côndilos mostram-se hiper-calcificados. Não se confunda, porém, com o maxilar quadrado dos chimpanzés porque os molares no "homo" têm quatro cúspides e no macaco têm oito, existindo acentuadas diferenças ósseo-anatômicas. Veja-se a obra de Marcelin Baule "Les hommes fossiles".

No Paleolítico Superior, na Espanha Cantábrica, o clima era temperado-ameno. A Europa estava na transição da última glaciação para o clima atual. Esse clima era propício ao desenvolvimento de uma gramínea e, por conseguinte, ao aparecimento da caça pesada. Assim, nas paredes da Gruta de Altamira encontramos silhuetas coloridas, feitas com ocre e carvão vegetal, do cervo e de um tipo de gado bovino, o uro, que foi o gado da Espanha pré-histórica, além de encontrar também o rinoceronte lanudo, ou merck, que existiu na Europa, em virtude da adaptação às últimas fases da última glaciação.

Esses dados não são fantasias. A ciência pôde determinar a natureza do ar atmosférico dessa última glaciação. Isto foi feito na Suíça, onde se introduziam agulhas com ampolas e se retirava o ar dos vacúolos das geleiras. E especialistas estudaram esse ar e o andamento dessas geleiras. Tudo foi feito dentro de uma realidade concreta.

Visto que o Cro-magnon é o elemento racial, físico, somático, predominante na Península Ibérica ao norte, vamos citar um outro tipo, ao sul, que está representado por um fóssil estudado por Hugo Obermayer e encontrado no Marrocos, na região de Asselar, o crânio de Asselar. Este crânio tem características de Cro-magnon, mas é um mesocéfalo, enquanto este último é dolicocéfalo. O crânio de Asselar seria o representante das populações pré-históricas do sul da Espanha.

Agora vem o ponto mais delicado desta apreciação do elemento raciológico da Península Ibérica, os elementos negróides. Eles se evidenciam no homem de Grimaldi, em Mônaco, e pelos desenhos das pedras do chamado Levante Espanhol.

Quanto aos fósseis de Grimaldi tive a oportunidade de tocar com as mãos em um deles, quando visitei o Museu de Antropologia de Mônaco. Não podendo fotografar os dois fósseis, pedi ao zelador que levantasse o vidro da vitrina e pude passar os dedos pelos dois crânios do chamado fóssil da "Grote des Enfants", que é um negróide. O crânio tinha um desenho de linhas paralelas, formado por incrustrações de carapaças de moluscos. Este é um caráter ornamental usado ainda hoje por algumas populações negras de transição do Saara para a África Florestal. Grimaldi está nos Alpes Marítimos e, por conseguinte, o Levante Espanhol é uma continuação geográfica dessa área.

O outro fóssil é o chamado Homem de Muge, estudado por Mendes Correia, no livro "Homo". Ele tem uma obra notável, "Os povos primitivos da Lusitânia", e neste trabalho sobre a origem do homem ele analisa aquele fóssil, o Homem de Muge, também um negróide.

Não devo deixar de citar, de passagem, o estudo de Carlos Ribeiro sobre o que ele chamou de Antropitecus Riberoü que seria o homem fóssil do Tejo. Convém notar que, do lado português, temos grandes pesquisadores como Mendes Correia, Souza Viterko, Fran Pacheco e, do lado espanhol, grandes arqueólogos como Menendez Pidal e Menendez Pelayo, mas ambos foram arqueólogos do aspecto cultural da etnologia da Península Ibérica e não entraram na parte física. Essa parte está sendo estudada agora pelos desenhos do Levante Espanhol que se assemelham a caricaturas modernas e representam traços muito curvos.

Há duas características nesses desenhos, onde as figuras femininas apresentam freqüentemente a esteotipígia enquanto as masculinas apresentam o estojo peniano. Esses desenhos são uma constante nos desenhos parietais pintados pelos pigmeus do antigo Congo Belga e pelos Hotentotes Boximanes do deserto de Kalahari.

Evidentemente a palavra Hotentote Boximane não tem caráter científico, tratando-se de uma cultura primitivíssima chamada da língua do "click" e tem um modo de falar estalando a língua.

Essas populações estão em extinção, e sob a proteção da UNESCO, e são hoje alimentadas por helicópteros, sendo o mel o seu alimento básico, ali existente, e que muitas vezes lhes é jogado do alto. Eles não têm noção de agricultura.

Pois bem, o Levante Espanhol apresenta desenhos com as mesmas características do Hotentote que se encontrou também próximo da Cordilheira do Tibesti, no Saara.

A rigor, deve ter havido na Península Ibérica, como uma ponte de passagem, já uma miscigenação racial entre elementos africanos e europeus.

É preciso entender a frase de Camus quando diz que o homem é o único animal em toda a História Natural que não quer aceitar a sua própria condição: ser um primata da ordem dos mamíferos placentários, gênero zoológico homo, primata marchador, ereto, que usa as mãos, e por isso forma um só gênero com duas variedades, o "homo afer", que é o elemento da floresta espessa, e o "homo mongolicus", do Saara. O primeiro está muito pouco representado na África. A África não é um continente negro e sim um continente de altíssima miscigenação racial, onde o negro verda-

deiro estaria muito melhor representado pelo pigmeu atual, em vias de desaparecimento como vestígio do chamado grupo sangüíneo "O", e o "homo mongolicus", representado pelo chinês denominado "chinês han".

Parece incrível determinar o tipo sangüíneo de um fóssil de ossos, mas, por absurdo que pareça, isso foi feito estudando-se os resíduos de barro impregnados nos ossos e fazendo-se uma classificação dos cristais de origem orgânica, determinando o tipo sangüíneo do "sinantropus pequenensis"

Há quatro espécies de sinântropus. E o grande Teillard de Chardin estudou exaustivamente uma delas e foi ele o seu divulgador.

Então, o chinês atual tem a composição sangüínea do sinântropus que viveu em torno de 500.000 aC. Conseqüentemente, nós não somos nem brancos, nem mongóis, nem chineses, nem propriamente afer, somos mestiços. A raça branca é fruto de milhões e milhões de miscigenações, de caldeamentos. Isto fica muito claro quando a comparamos ao disco de Newton. Ele é multicolorido, mas quando lhe imprimimos um movimento de rotação ele fica branco.

O verdadeiro mestiço é o branco e, por isso, na corrente sangüínea do espanhol atual devem estar o Cro-magnon, o negróide da África e o homem de Asselar. Mesmo na pré-história já é um tipo bem miscigenado.

Em cima desse quadro, vamos agora plantar o aspecto cultural, isto é, o aspecto da etnia, as etnias que se colam sobre esse quadro raciológico, sem necessariamente dizer que uma etnia corresponde ao tipo físico.

Não há um tipo físico basco; há costumes bascos, folclore basco, danças bascas, há a língua euscara, mas não o tipo físico judeu ou cigano.

Vamos começar pela etnia mais conhecida, que é a dos iberos. Nas minhas leituras sobre a Pré-História e a própria História Ibérica, cheguei à conclusão que o ibero é uma fantasia dos antropólogos. A única peça que podemos considerar como peça clássica da cultura material dos iberos é o busto da "Dala de Elche". Esta "Dala de Elche" tem quase dezessete centímetros de altura, construída em parzolana, que é uma argamassa usada na fase arcaica da cultura grega. As jóias de prata, as peças de bronze, a cerâmica, são encontradas em todo o Mediterrâneo. Os geógrafos romanos não usavam essa denominação porque para eles esse mar era o Oceano. Pomponio Mellia já se referia ao Tirreno

Oriental e Tirreno Ocidental, e o território espanhol era banhado pelo primeiro enquanto a região entre a Sardenha e a Etrúria era banhada pelo segundo.

Decepcionando, talvez, o auditório, vou me cingir às linhas que divergem da maioria. Ao irmão do grande geógrafo, cosmólogo e naturalista Alexandre von Humboldt, autor da monumental obra do século XIX, "Cosmos". Guilherme von Humboldt foi um estudioso de Filologia, tendo morrido tuberculoso nos braços de Alexandre. Esses dois homens foram frutos de uma grande mulher, a Baronesa von Humboldt, que os preparou para a cultura humanística de sua época.

Diversos autores, seguidores do filólogo Guilherme, sustentam que a grande etnia da Península Ibérica da Proto-História foi a dos bascos.

Quando se analisa a origem da palavra ibero, vão-se encontrar os radicais bascos. Existe na Catalunha o Rio Ebro. O termo "ebro" é uma contração de "ibarra", termo basco que quer dizer rio barulhento, rio encachoeirado, rio acidentado.

O basco é a grande etnia que ocupou a Península em grande parte e também o sul da França. O basco é uma língua aglutinativa e há a hipótese de existir nele uma origem caucásica.

O caso de dizer-se que essas populações vieram da Ásia é uma ingenuidade, pois tanto elas poderiam provir dela como da Europa. Não há basicamente sentido. Por que razão eu vou dizer que o Lapão veio da Ásia, quando tenho um elemento mongol dentro da Europa que é o crânio de Chancelade?

Paul Rivet, o grande diretor do Museu do Homem, de Paris, mostra que o Chancelade tinha como eixo econômico a rena; à medida que o gelo da última glaciação foi recuando ele foi atrás dela e acabou ocupando o círculo polar, clima próprio para a sua cultura material. Então, não vamos armar a hipótese que um vem de lá e outro vem cá. Do que não há dúvida é que no Cáucaso existe também a mesma designação de iberos e não podemos nunca dizer se o ibero foi uma etnia diferente dos bascos.

A segunda grande etnia da Península Ibérica é aquela que está representada pelos radicais ligures do litoral, como também na História de Portugal e na chamada "langue d'oc". Este não é o francês do sul da França apenas, mas os falares da região de todo o Midi.

Então, temos os ligúrios, uma etnia que nos deu radicais como "rio, riba, ribeira e riviera" jungindo povos que viviam à beira-mar, à beira-rio. Eram os comedores de ostras. Fora e além dos ligúrios, já vamos pensar em etnias históricas.

A primeira capa cultural latina, quero dizer, os romanos, conquistaram a Península Ibérica de tal forma que podemos afirmar que Castela Nova e Castela Velha são muito mais Roma que a própria Roma. Além dos Imperadores, ela deu uma cultura românica perfeitamente caracterizada. Caracterizada pelo Direito Visigótico (continuação do Edito Perpétuo) e as Tábuas Afonsinas, todas elas usam a sistematização e a continuação do Direito Romano.

E sobre essa conquista da História Greco-romana vamos encontrar uma colonização que se conflita com a colonização romana, que é a dos fenícios.

Os fenícios são semitas oriundos dos povos do mar da Antigüidade Clássica ou Oriental (cananeus e filisteus). Fenícia é uma palavra grega que quer dizer "terra da palmeira vermelha".

Então, os filisteus, todos aqueles povos do mar, do atual Líbano, proto-históricos, formavam culturas autônomas e uma delas fundou a cidade de Cartago. Essa Cartago projetou-se sobre o litoral da Península Ibérica e deu o nome atual a Cartagena.

Nesse sentido, eram povos que buscavam, pelo comércio, especiarias raras e a Espanha era uma área de grande interesse para eles porque possuía ferro, prata, platina, sendo muito cobiçada, por isso. Por outro lado, seus portos eram portos de trânsito para as ilhas de cassiterita, as ilhas de estanho, hoje Grã-Bretanha.

O fenício foi um grande artífice do estanho e do vidro. Os Senhores poderão dizer que isso pertence à História e não nos interessa. Não é verdade. Essas etnias são intensamente representadas hoje. E basta, para constatar, ir a Minas Gerais conversar com os Bomílcar, família de origem fenícia, vivendo há muito no Brasil, ou Portugal, encontrar os Sidônios.

Além dessa etnia dos fenícios, vamos encontrar a dos normandos, praticamente os do norte da Europa, que eu chamaria góticos e cujo representante atual vive na Islândia, onde se fala o gótico. Esses normandos estiveram na Península e deixaram radicais na linguagem náutica dos espanhóis e portugueses e influenciaram profundamente as embarcações de pescadores, como se pode verificar em Póvoa do Varzin.

Outra grande migração pré-histórica a ser citada é a dos celtas. Os historiadores espanhóis falam muito dos celtíberos pois houve uma aculturação entre celtas e autóctones, prevalecendo aqui a tese de Guilherme von Humboldt entre celtas e bascos. O basco, de fato, influenciou muito a língua espanhola e portuguesa em radicais, palavras isoladas, não na estrutura porque uma língua é aglutinativa e outra é desinencial.

Vamos dizer, de passagem, que a língua aglutinativa denuncia a modernidade da mesma; quanto mais antiga ela é, mais rica em flexões, em desinências, em tempos de verbo.

O velho eslavo é uma língua que representa as chamadas línguas arcaicas da Europa. Após o eslavo vem o polonês, o russo e o sérvio-croata, línguas arcaicas de gramática complicada.

Na região dos Tucanos, na Amazônia, encontramos um grupo de índios cujo falar tem desinências como se fosse o grego.

O General Frederico Rondon tem uma gramática tucano com verbos de desinências, como se fosse uma gramática grega.

O inglês de hoje deverá se tornar, daqui a mil anos, uma língua aglutinativa porque a aglutinação das palavras, dos fonemas, é no sentido da simplificação da linguagem, da massificação, da comunicação. A língua vai-se tornando mais simples, mais pobre, quando se aglutina.

No Brasil, temos hoje o **jovonês** (língua dos jovens) que tem apenas sessenta vocábulos. Não é um sintoma de alta antigüidade a língua se aglutinar.

O celta trouxe a cultura da pedra para a Península Ibérica. É a grande cultura megalítica já representada nas Baleares, já representada na região do Sabreiros, ao norte de Portugal, em Guimarães, pelos chamados "castrus e citanias". O "castrus" é redondo, representando, possivelmente, construção militar e a "citania" tem uma formação retangular, em pedra, algumas com telhado em meia-água.

Esse fenômeno da cultura megalítica se prolonga pela França, vai até a Bretanha e termina no conhecido monumento "Stonehenge" na planície de Salisbury, e é até objeto de observação astronômica dos antigos druidas que conheceram os monumentos megalíticos.

Por outro lado, os celtas nos trouxeram vestígios para os colonizadores do Brasil. Temos, no folclore nordestino, uma presença dos celtas, não só no uso da panela de pedra como num outro detalhe curioso. Quem visita o agreste

pernambucano vai encontrar as cercas divisórias das pequenas propriedades construídas em pedra. Isto é uma característica celta, que se pode constatar na Irlanda e na Escócia. O celta foi cultor da pedra. Há, na Europa, uma cordilheira que tem o nome celta Carpatas, que significa pedra.

Agora vamos citar as etnias mais modernas. Veremos como a cultura romana se representa hoje na Espanha. Essa representação se faz principalmente no Direito Civil que, como veremos adiante, vai influenciar na Independência do Brasil e na casa, na "domus", na "herédia", no "monar", na propriedade rural. Existe uma cidade espanhola, Leon, que é oriunda da vigésima quinta legião romana. As legiões romanas acampavam num local, se acantonavam, permaneciam e levavam para a divisão das barracas o mesmo sistema da "civitas romana" com o "forum" onde se fazia o culto de Júpiter Capitolino, com o lugar para os tribunos, para os oradores, era uma Roma em miniatura.

Dentro desse caráter, vamos encontrar em Vicente Vives a descrição das cidades espanholas de origem romana divididas em ínsulas e "decumanos", com as grandes praças ou "forum".

Durante a Idade Média a cidade tornou-se uma região de epidemias e foi, então, semi-abandonada. A torre do senhor feudal aglutinou essas formações — almenaras para os árabes — dando origem ao "afaulburgo". Então, houve uma mudança. Ávila, por exemplo, é uma cidade medieval mas Saragoça, Barcelona, Leon têm caracteres profundamente romanos. A própria língua catalã é latina com alguns radicais gregos; e o castelhano é neolatino, muito próximo do latim, conservando o "r" intervocálico, diferente do português, que recebeu uma grande influência dos idiomas germânicos.

Em Portugal houve uma grande influência da língua dos suevos, dando dois tipos físicos muito diferentes que são: o português do norte e o português do sul. No espanhol há a predominância do tipo moreno e Jean de Lery chama "mair" os louros de origem nórdica e "perois" aqueles indivíduos de cabelos e barba pretos O português do norte, o dólico louro, é representado no Brasil pelo sertanejo do Nordeste.

Dentro desse quadro vamos ainda analisar um aspecto interessante. Por que houve a descoberta da América?

Será pelo fato de o diâmetro da Terra, calculado por Eratóstenes, ser em "stadios" (medida grega que se baseava no próprio Estádio de Olímpia e era o dobro da milha árabe)

que traduzia uma dimensão menor, a metade, e ter iludido Paulo Toscanelli e influenciado Colombo?

A descoberta da América é um fato sociológico e é justamente a busca das sociedades alternativas. Antes dessa descoberta a Europa sofreu quatro grandes epidemias, a peste negra, de que morreram quarenta milhões de pessoas. A agricultura tornou-se completamente desorganizada e a fome se alastrou por todo o Continente.

Houve, então, a ânsia de buscarem um Mundo Novo e esse fenômeno se traduz no inconsciente coletivo do povo europeu da época, até porque os Senhores não encontraram na literatura dos gregos entre os romanos, na literatura greco-romana, os utopistas (Platão não era utopista).

Os utopistas apareceram na Idade Média em lugares visionários, onde se planta a idéia de um paraíso em outros continentes. Um poeta da antigüidade, Sêneca, dizia: Além da última tulhe outros mundos surgirão.

Está no ar a idéia da sociedade alternativa e de fato ela surgiu com a descoberta da América. Nesta, o homem ibérico vai defrontar-se com uma outra humanidade, com civilizações que ele nem cogitava existirem, como a civilização dos Astecas e dos Toltecas, no Planalto Mexicano, e a civilização Quichua no Planalto Boliviano.

Dentro desse caráter é preciso convir que o "Cesar" da América, que foi Fernão Cortez, matou o último imperador Asteca, o último Montezuma, mas não matou o indivíduo, ele apenas fez um ato militar de conquistador e batizou-o antes de matá-lo.

Era o confronto de duas culturas, de duas ideologias, a ideologia cristã e a ideologia religiosa dos astecas. Entre elas uma era superior à outra, apenas por um ponto. Na ideologia cristã havia a valoração da vida. No caso de Francisco Pizarro, no Peru, apesar da descrição de Prescott é preciso convir que a Antropologia Crítica esvaziou o fenômeno, quando mostra que o inca tinha a convicção absoluta de que ressuscitaria no dia imediato a sua morte, se fosse colocado num vaso de barro em forma de útero e enterrado no solo.

Esse relacionamento entre os espanhóis e as civilizações pré-colombianas trouxe para a civilização algumas conseqüências materiais importantes, principalmente na alimentação.

Da Meseta Boliviana nos veio a batata-doce, do Planalto Mexicano, o tomate e o chocolate.

Trouxe-nos, ainda, uma concepção muito interessante de cultura material, pois esses povos não conheciam a roda.

Os astecas estavam na fase de transição de um feudalismo para uma sociedade pré-capitalista e os povos quichua-aimara, do Peru e Bolívia, estavam na transição de uma sociedade comunista inicial para uma sociedade feudal. Os quichuas já conheciam a metalurgia do estanho, do bronze (liga de cobre e estanho que possuiam em quantidade) e alguma metalurgia da platina.

O asteca dominava ambas e a cultura Chibcha, da Colômbia, era especializada na metalurgia do ouro. Eram, portanto, civilizações já muito amadurecidas e formavam com o espanhol colonizador uma contigüidade que resulta na convergência de cultura.

Duas outras etnias se projetaram sobre a América. Uma de grande importância foi a etnia judaica. A Escola de Tradutores de Córdoba teve grandes sábios judeus, entre os quais Maimonidas, que foi deslocado dessa cidade pela invasão dos almohavidas que chegaram pelo sul da Península Ibérica por não entenderem o Dogma da Santíssima Trindade. O árabe é monotista absoluto. Por falar em árabe, ele não existe racialmente na Península Ibérica, e sim o berbere do Marrocos, do norte saariano, e estavam jungidos aos povos do Teo, Sahel e Erg do Saara. Essas populações influíram no Brasil com algumas comidas e com algumas modificações culturais. Veio deles o clássico cuscuz, como inúmeros outros pratos que figuram na mesa do português e do espanhol.

A grande contribuição do berbere, porém, foi justamente aliada a uma outra etnia, que é a dos ciganos. A música espanhola é hoje um processo aculturativo da música árabe berbere, mudéjar, com música cigana trazida por migrações desse povo pelo norte da África, oriundas da Península da Anatólia. "Granadus" era um cigano que usava uma argola na orelha. No Brasil, os ciganos contribuíram muito para os engenhos de trapiche. Eram excelentes trabalhadores do cobre, eram caldeireiros. Estão, hoje, espalhados pelo país inteiro, principalmente Minas Gerais, onde há uma etnia cigana estudada por antropólogos que apontam duas palavras como eminentemente ciganas: barganha e grana.

Essa etnia está em vias de se transformar porque vem se desintegrando, através de um processo de sedentarização.

Além diso, devemos citar outros aspectos interessantes como a quiromancia e a prática de tirar a sorte, que aprenderam com os hititas, na Península da Anatólia, onde assimilaram a cultura anatoliana. Com os caldeus os ciganos aprenderam a Astrologia, porque a origem dos ciganos é o

vale dos Indus. Essa etnia veio para o sul da Espanha e projetou-se sobre o Brasil.

Quanto à etnia judaica, devo dizer que teve uma enorme influência no Brasil, principalmente na fase da implantação do chamado capitalismo açucareiro. Há províncias brasileiras que foram predominantemente povoadas pelos "maranos".

Na Península Ibérica, essas etnias conviveram pacificamente. Depois, por fatores que não tenho tempo de analisar, houve o êxodo dessas etnias. A etnia judaica veio para Portugal e daí, pagando taxas e tributos, os judeus vieram para o Brasil. Desses ramos de Portugal, um foi para a Espanha, de onde muitos judeus emigraram para a Holanda, na época de Felipe II.

Para terminar, gostaria de dar uma idéia do poder psico-social do espanhol e do português. São dois povos ibéricos representados na América, e que constituem um monolito cultural, pois, embora falem dois idiomas, se entendem reciprocamente.

Os sociólogos indus têm razão de chamar as duas Grandes Guerras Européias de Guerra Civil da Europa. Eles não entendem a Europa dividida em países e sim como eles vêem a Índia, dividida em marajados. Realmente a Índia é um grande complexo cultural, como a Europa é outro grande complexo.

Então, a Ibéria é um complexo cultural monolítico porque é dominada pelo idioma português e o espanhol.

Dentro desse aspecto, vamos ver o caráter psico-social do português e do espanhol. O primeiro é predominantemente prático; devendo fazer um sátira, ele escreveu uma epopéia.

Isso é uma contradição da Antropologia. Se um povo tem uma característica muito forte num determinado traço cultural, a reação literária é contra ele. Assim, o japonês é extremamente machista, mas o seu mito é Amaterazu, uma rainha hoje divinizada.

O português criou a epopéia camoneana, baseada num mito platônico idealista. O espanhol criou a sátira de D. Quixote, que é hoje uma peça universal, porque D. Quixote no seu testamento diz: "viver a vida como um sonho, loucamente, mas morrer dentro da santidade". Isso está muito dentro da alma da Espanha e da alma do Mundo.

O português é prático, difusionista e cosmopolita. Ele se confunde com todas as raças mas conserva o aspecto inicial lusíada.

O espanhol tem como característica profunda um sentido de dominância política sem ser imperialista — porque não houve imperialismo (que é moderno) — com uma grande ambivalência. Esta ambivalência é o caráter psicológico do homem espanhol. Está traduzido no livro de Miguel de Unamumo "A Agonia do Cristianismo". A ambivalência está na alma do espanhol como se traduz até nas corridas de touros: de um lado, a coragem de enfrentar a morte e do outro a estética dessa morte, como se houvesse um constante conflito entre o instinto de Eros, o instinto de vida, e de outro lado o instinto de Tanatus.

Dentro desse complexo cultural ibero-lusíada-espanhol, nós, brasileiros, devemos aos espanhóis duas coisas: a supressão do Tratado de Tordesilhas, que nos permitiu a expansão das bandeiras e a Proclamação da Independência, e a República, o que foi feito pelo Livro IV das Ordenações Filipinas, quando consagrou aquilo que Portugal não fez, o Direito do Morgadinho, isto é, a sucessão da propriedade privada para o filho primogênito do casal, deixando os filhos segundos de lado. Isso é herança do Direito Romano, da fase da República. Esses ressentidos sociais, que eram os filhos segundos, fizeram a Independência e a República no Brasil. (*)

(*) No Direito Romano, fase da República, a sucessão da propriedade privada passou às mãos dos "assiduos", isto é, dos primogênitos. Veja-se no capítulo "Origens e Desenvolvimento das Novas Diferenças Sociais" na obra de Leon Bloch, "Lutas Sociais na Antiga Roma". Coleção Saber — Publicações Europa-América-Lisboa.